

O REICH, O TRAÇO E O RISO: O NAZISMO SEGUNDO OS CARICATURISTAS DA *CARETA* DURANTE A II GUERRA MUNDIAL

Marcelo Almeida Silva*

RESUMO: Este texto pretende mostrar alguns dos caminhos percorridos por três caricaturistas da revista ilustrada *Careta*, de circulação nacional, para promover um discurso libertário contra o nazismo de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. O trabalho com as charges trouxe à luz fontes que representam uma via alternativa da resistência cultural brasileira ao alinhamento do país às ditaduras europeias do período.

Palavras-chave: Nazismo; Adolf Hitler; charges.

THE REICH, THE DASH AND THE LAUGHT: THE NAZISM ACCORDING TO THE CARTOONISTS OF *CARETA* DURING THE SECOND WORLD WAR.

ABSTRACT: This paper intends to show some of the paths taken by three cartoonists of the illustrated magazine *Careta*, of national circulation, to promote a libertarian speech against Hitler's Nazism during World War II. Working with the cartoons brought to light sources that are an alternative way of Brazilian cultural resistance to align the country with European dictatorships of the period.

KEYWORDS: Nazism; Adolf Hitler; cartoons.

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora; bolsista CAPES/CNPq; marcelo_90_jf@hotmail.com

As livrarias e bibliotecas de todo o país estão repletas de obras sobre a Segunda Guerra Mundial, o Nazismo, o Fascismo, Hitler e Mussolini, de autoria estrangeira ou mesmo nacional. E diversas são as óticas: coletâneas sobre a guerra, operações secretas, memórias de combatentes; as origens do nazismo e do fascismo, a vida e os hábitos de seus líderes, suas técnicas de propaganda, os horrores do genocídio, diários de vítimas do holocausto, dentre outros. Por muitos caminhos se enveredaram pesquisadores de diversas áreas para estudar os acontecimentos que marcaram com sangue o século XX – uns optaram por abordar o aspecto técnico-bélico do conflito, outros se valeram do horror para construir sua análise, alguns, ainda, se ocuparam da iconografia mnemônica que sobreviveu aos anos. Listas, documentos, mapas, cartas, fotos, vitórias, derrotas, encontros e despedidas, terror, lágrimas, dor e morte. Todas essas foram opções que deram suporte para a construção da vasta bibliografia existente sobre a guerra e o nazi-fascismo. Aqui triunfou o riso.

O riso foi a arma utilizada por três grandes homens para resistir e lutar em uma conjuntura instável de guerra mundial e disseminação de regimes totalitários no mundo. Três caricaturistas que contribuíram para o que seria outro viés da resistência brasileira ao alinhamento ideológico e político à Alemanha nazista de Adolf Hitler, a serviço de um periódico ilustrado de circulação nacional. Trata-se da revista *Careta* que, embora circulasse em outros estados do país, era publicada no Rio de Janeiro e ia às bancas semanalmente, sempre aos sábados. Desde seu lançamento em 1908 por Jorge Schmidt, a revista possuiu um intenso caráter humorístico presente tanto em seu aspecto textual quanto no iconográfico. Sempre na oposição crítica de quem estivesse no poder e contando com um quadro de coparticipantes composto por literatos, artistas plásticos e desenhistas, a *Careta* contava ainda com a colaboração de profissionais de grande renome no campo nacional da caricatura, como nossos três “combatentes”, Théo¹, Osvaldo² e J. Carlos³, este último um artista de produção

¹Théo– Djalma Pires Ferreira– nasceu em Salvador em 1901. Transferido definitivamente para o Rio de Janeiro em maio de 1922, Théo passou a colaborar com diversas publicações ilustradas, entre elas a *Careta*. Era dotado de extraordinária capacidade de apreensão do detalhe fisionômico decisivamente característico, o que lhe permitiria se tornar, com o passar do tempo, um dos maiores caricaturistas políticos do Brasil. (LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.1, p. 1388).

² Osvaldo Navarro nasceu no Rio de Janeiro em 1893, mas mudou-se cedo para Barbacena, no interior de Minas Gerais. Suas charges justificam o título que recebera de Kalixto, o de “caricaturista rural” – Osvaldo se especializou justamente na fixação das figuras mais genuínas das cidadezinhas do interior, tão bem conhecidas

mundialmente reconhecida, presença constante nos mais de cinquenta anos de veiculação do semanário. Nas palavras do jornalista R. Magalhães Junior, “A Careta “transcende do plano municipal e nacional ao internacional, dando os seus tiros de atiradora solitária contra os tubarões do fascismo, contra os pretensos salvadores do mundo, do tipo de Mussolini, de Hitler, de Franco, de Salazar, etc”⁴.

A grande motivação que impulsionava o trabalho dos caricaturistas foi a luta pela liberdade e pela democracia, portanto o combate contra as ditaduras. Era em nome da defesa da liberdade como ideal e como prática que atuavam os caricaturistas da *Careta*, responsável por rígida e severa crítica ao nazi-fascismo europeu. Eles pretenderam fazer oposição ao universo nazista de Hitler por diversos caminhos, que passam pela crítica direta a seu líder e vão até à ênfase nas derrotas e fracassos alemães na guerra, sem deixar de por em xeque as políticas e muitos aspectos da doutrina nazista. O fio condutor era a transformação do nazismo e de Hitler em alvo de chiste, uma vez que a comicidade está ligada a uma operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri⁵, o que significava indicar e ressaltar suas debilidades e fraquezas.

“O bigodinho”

Naturalmente, os caricaturistas não tiveram dificuldades em captar o protagonismo do Führer nos acontecimentos que presenciavam, ainda que a distância. Eles se empenharam em destruir a imagem de Hitler, imiscuindo no imaginário dos leitores outras características e

de seus percursos do Rio de Janeiro para Minas Gerais (LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.4. p, 1345).

³José Carlos de Brito e Cunha, ou só J. Carlos, que, ao lado de Raul e Kalixto, formam a grande trindade da caricatura brasileira, nasceu em Botafogo em 1884. Trabalhando a maior parte da sua vida na *Careta*, J. Carlos transformou-a na crônica mais exata da realidade política de seu tempo. Considerado o maior caricaturista brasileiro de todos os tempos, seus desenhos ficaram logo com uma vida à parte na nossa coletividade gráfica. Todos os acontecimentos marcantes – exceto o Estado Novo – ficaram registrados indelevelmente pela ironia do seu traço e do seu comentário (LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V. 3. P. 1070).

⁴Declaração de 28/04/1945. In: LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.1. p. 150

⁵MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 21.

valores, diferentes dos pretendidos por ele, nadando contra a maré da eficiente máquina de propaganda de Joseph Goebbels. Por diversas vias, evidenciaram e hiperbolizaram os “pontos fracos” de Hitler, tornando-o risível e ridicularizado – minando, portanto, sua imagem algo ameaçadora. A neutralidade do Brasil de Vargas na Segunda Guerra Mundial até 1942 freou, sem inibir, o conteúdo e o volume de charges da *Careta* sobre o nazismo e, em específico, Hitler, mas a partir deste ano o quadro mudou, e os nazistas fizeram parte de maneira mais incisiva do cotidiano dos brasileiros – no ano de 1944, das 52 edições da *Careta* que foram às bancas, a guerra e o nazismo estiveram presentes em 39 capas, Hitler aparecendo em 23 delas.

Diversos aspectos de sua vida pública e privada foram atacados em prol da luta pictórica contra o nazismo, começando por sua aparência: muitas charges traziam como principal sátira seu peculiar bigode, espécie de marca registrada de sua imagem. Osvaldo, em junho de 1943, munido de seu tradicional traço de “caricaturista rural” e mantendo sua linha de diálogos disparatados sobre fatos noticiados na imprensa, desdenha o bigode de Hitler sem desenhá-lo: o cavalheiro considera improvável que, de acordo com a imprensa, Hitler consiga viajar pela Alemanha sem ser reconhecido, já que o exótico bigode denunciaria sua posição. Bigode que teve, muitas vezes, função metonímica para referenciar Hitler.

Mas, para além do aspecto físico, Hitler não teve sua personalidade, seus trejeitos e seu modo particular de liderança poupados por nossos artistas. A imagem histórica frequentemente associada à figura de Hitler deve muito à campanha feita pelos opositores do nazismo, e a respeito de seu comportamento irritadiço no trato com seus generais, em uma charge de J. Carlos veiculada em janeiro de 1943, Papai Noel se esconde atrás de um muro, protegendo-se das “últimas explosões” que, em vez de serem causadas pela guerra, eram oriundas da conferência de Hitler com seu Estado Maior.

Os caricaturistas não pouparam esforços para denegrir a imagem do líder do Terceiro Reich, e para isso abordaram, também, um ponto hermético e polêmico até em dias atuais: a sanidade de Hitler. Para eles, contudo, não havia mistério, tampouco polêmica, como vem ilustrar Théó, numa charge datada de 1943, em que nos leva a uma cena de diálogo descomprometido entre dois cavalheiros:

**Diagnostico tardio**

- Parece que Hitler enlouqueceu de fato.
- Louco está ele há muito tempo, mas infelizmente só agora foi que os alemães perceberam.

D.P.F.

O assunto gira em torno da demora pela parte dos ingênuos alemães em reconhecer e perceber que seu líder messiânico era, na verdade, um louco. Aqui, a loucura de Hitler era óbvia para seus inimigos, e os alemães, alienados pelo fascínio e pela propaganda nazista, foram impedidos de perceber tal insanidade a tempo. Com isso, ganhava a causa libertária defendida pelos artistas da *Careta*: era interessante pintar um Hitler desequilibrado como mais um viés de oposição, utilizado para esvaziar de legitimidade as ações do Führer – um louco não merece ser respeitado como líder, suas ações não devem ser levadas a sério. Mesmo em charges que não se debruçavam especificamente sobre o tema da insanidade, é possível ver que o Hitler que nascia dos lápis dos artistas possuía um “quê” de insano e debilitado.

Mas o inimigo de nossos “combatentes” não era apenas bizarro esteticamente, histérico e louco. Era, ainda, um homem frustrado, um projeto não executado de artista fadado ao fracasso. E isso foi peculiarmente percebido por Théo, que, em mais de uma ocasião, soube particularizar com maestria a temática da frustração artística de Hitler. Numa charge publicada em setembro de 1943, Théo tira Hitler de seu tradicional traje militarizado e veste-o como um típico artista, com traços que evocam o Renascimento. Ele se vê defronte a uma tela em branco, segurando uma paleta de tintas e recebendo ordens – claramente irônicas – de Goebbels: “Tudo, agora, depende de seus dotes artísticos. É preciso pintar, com cores róseas, um quadro da situação!...”.



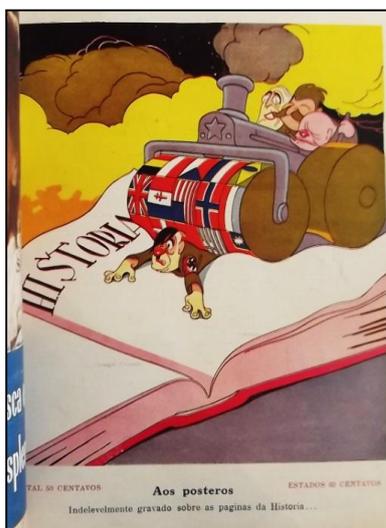
Figura 1Théo. *Careta*, 25/09/1943, nº 1839, ano XXXVI, p. 40.

A charge, embora satirize em primeiro plano a ironia de entregar uma encomenda a um pintor fracassado, possui dois vieses de interpretação, ambos evidenciando quão perspicazes eram as “tiradas” de Théo. O primeiro, mais nítido, e, portanto, mais óbvio, está presente na compreensão de que Théo procurou, mais uma vez, captar um ponto fraco de Hitler e colocá-lo no papel – neste caso, o fracasso de juventude de Hitler, quando fora considerado inapto, e é aí que reside a ironia da charge: Hitler – de cenho franzido, que denota incompreensão, constrangimento – seria incapaz de cumprir com eficácia as ordens de Goebbels. A mesma ironia ganha corpo escrito na frase “tudo, agora, depende de seus dotes artísticos”. Em seguida, Goebbels anuncia a segunda parte da fala, que é onde reside a segunda possibilidade de interpretação: “É preciso pintar, com côres roseas, um quadro da situação!...”, é preciso que, aos olhos do povo, as notícias soem agradáveis, traço marcante nas estratégias de propaganda nazista, principalmente em tempos de maiores reveses. Em qualquer sistema político, a propaganda é estratégica para o exercício do poder, mas, nos regimes de pretensão totalitária, ela adquire uma força ainda maior, uma vez que o Estado detém o poder de censura e, muitas vezes, o monopólio dos meios de comunicação, exercendo o controle sobre o



conjunto das mensagens⁶. Pintar, com cores róseas, um quadro da situação da Alemanha na guerra em setembro de 1943 equivaleria a enganar o povo, a manipular, como em tempos de luta e consolidação do poder, a opinião pública a seu favor, e a mostrar uma realidade inexistente.

Em meio a todas essas críticas, perpassava uma mais geral, que se mesclava com desejo e realidade: Hitler era frequentemente representado em situações nas quais fracassava. A ideia de fracasso estava presente tanto em charges preocupadas em evidenciar outros pontos – como é o caso da imagem em que Hitler, ambicioso, encontrava-se em um barquinho que representava o III Reich e, ao tentar pescar um peixe maior do que poderia suportar, terminava por naufragar – como possuía espaço próprio entre as representações cômicas sobre o Führer. Ora jogando cartas com um esqueleto encapuzado portador de uma foice – uma representação da figura da morte, que fazia com que o jogo se tornasse dispendioso para os nazistas –, ora representado como Lampeão e possuidor do mesmo destino cruel obtido pelo cangaceiro brasileiro, o objetivo final era retratar um líder derrotado, dominado pelo fracasso, e assim atenuar a atmosfera de terror e medo que pairava em torno da figura do Führer. Foram muitas as charges que pintaram Hitler malogrado, e uma das que melhor traduz essa ideia foi veiculada em julho de 1944, assinada pelo mestre J. Carlos.



⁶CAPELATO, M. H. Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional. In: *Revista Brasileira de História*– ANPHU. São Paulo: Contexto, vol. 16, nº 31 e 32, 1996, 328.

Figura 2J. Carlos. *Careta*, 15/07/1944, nº 1881, ano XXXVII, capa.

Aos posterros

Indelevelmente gravado sobre as páginas da História...

Adolf Hitler considerava-se um homem chamado a cumprir uma missão histórica, cujo objetivo era, para ele, desfazer a mancha da derrota e da humilhação da Primeira Guerra Mundial com a destruição dos inimigos – internos e externos – da Alemanha e restaurar a grandeza nacional. Passara a se considerar predestinado pela Providência: “Eu sigo com a certeza de um sonâmbulo ao longo do caminho traçado para mim pela Providência”⁷, disse numa grande concentração em Munique, no dia 14 de março de 1936. Segundo imaginava, quando tivesse finalmente triunfado, teria seu nome escrito nas páginas da História. E foi exatamente o que J. Carlos representou em terras brasileiras. A diferença reside no método: não são por suas proezas, mas por seus fracassos, que o Führer seria “indelevelmente gravado sobre as páginas da História”.

E, nesta charge, os responsáveis por este fracasso têm nome e rosto – Roosevelt, Stálin e Churchill. Mas não estão sozinhos. Seu rolo compressor, utilizado para esmagar Hitler sobre o metafórico livro da História, é dirigido por eles, mas é composto por nações que, representadas por suas respectivas bandeiras, atuaram na luta contra o nazi-fascismo, e dentre elas o Brasil. Hitler, desesperado, já com metade do corpo esmagado, tenta agarrar-se em nada para escapar da ofensiva, mas a grande quantidade de fumaça que sai da chaminé do veículo – que se assemelha neste ponto a uma locomotiva – mostra que o contra movimento de Hitler é em vão. Detalhe para quem, de fato, comanda o avanço do rolo compressor: Churchill, considerado o mais empenhado inimigo de Hitler durante a guerra. Essa, talvez, seja a charge que melhor retrata o ideal de fracasso que os artistas procuravam transmitir, uma vez que, além de mostrar um Hitler visivelmente em pânico, sendo suprimido por seus inimigos, traz também os protagonistas do teatro da guerra, os grandes responsáveis pelas desgraças militares da Alemanha.

⁷KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 877.

Mais para o fim da guerra começaram a surgir mais charges com o tema “destino de Hitler”. Sua morte começou a ser discutida entre os caricaturistas, e diversas abordagens foram oferecidas. Théó não escondeu sua repulsa por Hitler ao publicar, em dezembro de 1944, uma charge intitulada “O Monstro”. Nela, dois cavalheiros dialogam sobre os acontecimentos da guerra. Um dos amigos diz não compreender o porquê de um judeu, seu conhecido, não concordar com a ideia de ver Hitler fuzilado. Seria, aos seus olhos, incompreensível que um judeu, fazendo parte do grupo que se constituiu como maior alvo e vítima do regime nazista, não desejasse a morte de Hitler, à maneira que fosse. Mas o amigo acredita ter a resposta, que seria uma solução mais inteligente: a hipótese de capturar Hitler vivo e exibi-lo em uma jaula, como um monstro em uma feira de amostras seria muito mais interessante. Hitler, aqui, seria uma espécie rara, que atrairia a atenção de curiosos por todo o mundo.

De muitas maneiras se posicionaram os caricaturistas da *Careta* contra um líder ditatorial por eles considerado inescrupuloso. Caricaturaram um Hitler esteticamente bizarro, histérico, louco, frustrado, ambicioso, ganancioso, mau estrategista, fracassado, monstruoso e diabólico. Evidenciaram pontos que o Führer trabalhava para ocultar, e, ao transformarem Hitler em objeto de riso, este deixava de ser alguém a quem temer e respeitar e passava a ser simplesmente um personagem “gozadíssimo”, como, segundo Djalma Pires Ferreira, sempre fora.

Práticas e ideias nefastas

Os caricaturistas não se preocuparam apenas em destruir a imagem de Hitler nas páginas da *Careta*: tão importante quanto impregnar de negatividade a figura do líder nazista, era mostrar aos brasileiros que tipo de estrutura o sustentava, que tipo de políticas empregava, denunciando pelo riso diversos aspectos do regime, considerado desumano, enganoso e, como seu líder, ganancioso. Para tanto, os caricaturistas mergulharam no mundo do nazismo para trazer aos leitores as múltiplas facetas do regime: desde seus protocolos particulares, como o *Heil Hitler*, até a questão expansionista do Espaço Vital, sem ignorar a propaganda tendenciosa e o apoio dos alemães ao governo de Hitler.

Com a nomeação de Hitler a chanceler do Reich em janeiro de 1933, teve início um processo de conquista do poder total pelos nazistas. Após o incêndio do Reichstag em fevereiro de 1933, os nazistas encontraram o motivo que precisavam para radicalizar seu governo, e a Alemanha viveu uma mudança sísmica na cena política, que fragilizara a posição dos adversários de Hitler. O episódio da queima de livros em praças públicas do país em maio daquele ano ocorreu num momento de terrível decadência do nível cultural de um povo, nível que fora tão elevado durante tanto tempo. Coisa inevitável, naturalmente, a partir do momento em que os dirigentes nazistas decidiram que a arte, a literatura, a imprensa, o rádio e o cinema deviam servir exclusivamente aos fins de propaganda do novo regime e à sua exótica filosofia. Todo esse movimento de encarceramento da cultura alemã numa camisa de força fazia parte de uma estratégia maior: a chamada *Gleichshaltung*, ou a “coordenação” de instituições postas sob o controle nazista⁸.

Em 1933, toda a Alemanha se alinhou ao comando de seus novos governantes. Tratava-se de um processo de doutrinação e educação do povo alemão, levado a cabo sob a liderança implacável de Joseph Goebbels, que assumiu com grande energia e entusiasmo sua tarefa de reorganizar todas as formas de atividade cultural do Terceiro Reich. Sete subcâmaras foram criadas para orientar e controlar toda a vida cultural: as câmaras do Reich de belas-artes, música, teatro, literatura, imprensa, rádio e cinema. Era impossível escapar da ciranda do nazismo. Todas as manhãs, os editores dos jornais diários de Berlim e os correspondentes da imprensa de todo o Reich se reuniam no Ministério da Propaganda, onde lhes eram transmitidas, por Goebbels ou por um de seus auxiliares, quais as notícias que deviam ser publicadas ou suprimidas, como escrever as notícias e as manchetes, que campanhas encetar ou instituir e que editoriais eram os desejados para o dia⁹.

Com todos os jornais da Alemanha publicando o que lhes impunham as autoridades, e por elas sendo orientados sobre como escrever as notícias e os editoriais, foi inevitável que uma uniformidade mortal recaísse sobre a imprensa do país. Essa nova era seria marcada por uma intensa abolição da liberdade pessoal, de um esmagamento geral da cultura alemã, e pela

⁸ KERSHAW, Ian. Op. cit. p. 321.

⁹ SHIRER, W. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 339.

extrema regulamentação da vida e do trabalho em escala jamais experimentada, mesmo por um povo acostumado durante gerações a uma grande dose de disciplina.

Havia, portanto, uma aceitação coletiva do regime proposto por Hitler, que não derivava somente da coerção pela da força, mas também de uma educação ideológica e comportamental. Uma das maiores evidências dessa educação doutrinária popular era a saudação nazista, ou saudação a Hitler, a *DeutscherGruß* como era conhecida na Alemanha. E o maior símbolo de aquiescência ao nazismo, o “Heil Hitler”, não deixou de ser satirizado por Théo, que fez uma interessante releitura do ato de erguer o braço para alguém: transformou a saudação em rendição. O maior sinal de aquiescência, respeito e subordinação a Hitler foi, nas páginas da Careta, transformado no maior sinal de fracasso, o ato de erguer os dois braços em rendição.



Figura 3 Théo. *Careta*, 14/10/1944, nº 1894, ano XXXVII, p. 36.

Grande consideração...

FRITZ – É a nossa mais alta saudação. Para o próprio Fueher nós só erguemos um dos braços.

D. P. F.

Cientes da importância coercitiva e política do trabalho de Goebbels, os caricaturistas da Careta não pouparam esforços para traçar em linhas satíricas e cômicas suas práticas, buscando desacreditar um dos mais fundamentais aspectos do regime nazista. Hitler encarava a propaganda com extrema seriedade: era um propagandista por excelência. A imagem

pública era vital. A propaganda, no movimento, não desempenhou somente uma função estratégica, mas cumpriu também um papel fundamental na formação e consolidação do imaginário nacional-socialista¹⁰. Ela é, segundo Hannah Arendt, um instrumento do totalitarismo para enfrentar o mundo não totalitário. É importante salientar, desde o início, que as lideranças nazistas acreditavam nas doutrinas que seguiam, não apenas as usavam como propaganda. Contudo, o movimento nazista se valeu de inúmeras mentiras inventadas para sustenta-la, como o caso da conspiração mundial judaica, já que o que convence as massas não são os fatos em si, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência do sistema do qual esses fatos fazem parte¹¹. Com tais generalizações e criações, a propaganda totalitária criou um mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado.

Théo foi um dos caricaturistas que, através de uma excelente charge divulgada em maio de 1944, expôs a habilidade de Goebbels em distorcer a realidade para usá-la a seu favor. Nela, um integrante do exército, identificado pelo uniforme que veste, informa a Goebbels que os exércitos estavam cercados por tropas inimigas, e o questiona sobre como deveria redigir o comunicado. O ministro, por sua vez, em postura de tranquilidade – mãos no bolso – ordena que o homem diga que os exércitos da dita cidade estavam combatendo em todas as direções. Dessa forma, a informação perde sua conotação de fracasso e passa, inclusive, a demonstrar eficiência: afinal, um exército que combate em todas as direções está em posição diferente de um exército cercado. Ou não. Dessa forma, pintou-se nas páginas da *Careta* uma propaganda enganosa e manipuladora, responsável por veicular inverdades e falsas esperanças – e é válida a lembrança de que, aqui, grande ênfase foi dada na figura do ministro de propaganda Joseph Goebbels, deslocando um pouco o olhar sobre Hitler e criando outra figura-alvo.

Através das estratégias de propaganda e da consequente doutrinação do povo alemão, o partido nazista foi capaz de angariar apoio e legitimidade para executar o que pretendia na Alemanha, e que já vinha sendo repetido pelo programa e pelos oradores do partido desde o início dos anos 1920. A ambição nazista, seu caráter expansionista, a brutalidade do regime

¹⁰DIHEL, Paula. *Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista*. São Paulo: Annablume, 1996. p. 83.

¹¹ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.401.

que exterminou milhões de judeus, impulsionada por um antissemitismo disseminado, além de, obviamente, o povo alemão, considerado tão repugnante quanto os nazistas, todos estes foram objeto de crítica repulsiva e astuciosa sátira dos nossos artistas do lápis. A charge assinada por Osvaldo em 26 de agosto de 1944 é tanto uma crítica aos alemães quanto à ambição que lhes era considerada própria: duas personagens comentam a notícia de que “um alemão ferido preferiu morrer a receber uma transfusão de sangue britânico”

- Era um alemão degenerado; uma exceção. Em geral eles querem tudo o que é dos outros...

O. N.

A senhora considera o alemão um desviante por considerar a todos eles seres ambiciosos e gananciosos, que desejam tudo o que não é seu. Reparem que a crítica se estende a todos os alemães, não se restringe apenas aos nazistas. Osvaldo considerou a grande vontade de Hitler – a de reconstruir a união nacional, através de um movimento fluido na estrutura da sociedade, de maneira que tornasse impossível a distinção entre alemães, partido, nazismo e Hitler. A charge também aborda a questão do fanatismo do povo alemão, cujo representante preferiu morrer a receber uma transfusão sanguínea de um britânico, inimigo do Reich, e comprova a eficiência do aparato de doutrinação nazista.

Comandado por ambiciosos e gananciosos, o regime nazista trazia consigo, na visão dos chargistas, ideais diabólicos. A incansável busca por um “Espaço Vital”, baseada num ideal racista de superioridade da raça ariana, também foi objeto de chiste e intensa crítica do outro lado do Atlântico, justificando plenamente o caráter mundial da Segunda Grande Guerra. J. Carlos, numa charge fora da capa em janeiro de 1943, traz o ano de 1942 na personagem de um senhor, que dialoga com uma criança, o ano de 1943, seu sucessor. Os dois contemplam o espaço a partir de uma pedra – tão alta que ultrapassa as nuvens – e o monocromatismo da figura, somado às sombras no chão, dão a ideia de pôr do sol ou fim de dia. 1942, com a voz da experiência, apresenta o lugar ao pequeno 1943, que, observador, questiona sua utilidade; como resposta, o senhor, que antes havia apresentado o que via como “infinito”, diz que serve “para medir a vaidade humana, a malandragem dos espertos”, e “também como espaço vital aos lunáticos ambiciosos”. José Carlos utiliza na construção da mensagem da charge um

recurso muito utilizado pelos caricaturistas, as figuras de linguagem – neste caso, a opção foi pela elipse: embora ausentes, fica claramente subentendido quem seriam os lunáticos ambiciosos. Em um único desenho, os nazistas foram classificados como vaidosos, malandros, lunáticos e tão ambiciosos que estariam em busca do infinito, que José Carlos define brilhantemente como o espaço vital.

A questão do espaço vital estava também estritamente relacionada com outra mais obscura, e que se tornou a maior mancha em toda a história do nazismo: a perseguição e o massacre dos judeus. Hitler estabeleceu em sua ideologia a conexão entre a destruição dos judeus e uma guerra contra a Rússia para adquirir o espaço vital e, na busca de bodes expiatórios, os judeus, em especial, tornaram-se cada vez mais o foco de ódio intenso e agressões a partir da metade da guerra.



Figura 4 Osvaldo. *Careta*, 07/08/1943, nº 1832, ano XXXV, p. 8.

A charge de Osvaldo, não por acaso intitulada “O bode expiatório”, retrata perfeitamente o que foi dito acima. Ela evidencia o antissemitismo cruel do Terceiro Reich e exibe a face assassina do regime, cujo líder teria ordenado do massacre de três mil judeus. Este modo particular nazista de resolver problemas foi também satirizado por J. Carlos na capa da edição de 16 de janeiro de 1943. Nela, Hitler se encontra defronte a uma Cigana, que,

de acordo com a charge, lhe teria profetizado dias nefastos; Hitler, então ordena a Göring, que prontamente obedece com a saudação nazista: “Estás ovindo? Dias muitos sombrios nos aguardam! Manda fuzilar o futuro!”. A charge de J. Carlos destaca outra face da administração de Hitler, que costumava resolver seus problemas por meio de retaliações extremamente brutais executadas por suas tropas do terror: as SA (Sturmabteilung – as Tropas de Assalto), as SS (Schultzstafel – que, em português, se aproxima de “escudo de proteção”) e a Gestapo, que teve contribuição significativa na perseguição de minorias e nas execuções dos malfadados campos de concentração¹².

Resta, ainda, abordar um ponto que era muito caro ao time de caricaturistas que cobriram as páginas da *Careta* com charges tão criativas, munidas de uma aversão profunda ao totalitarismo na Europa. Para eles, tão importante quanto denunciar os crimes nazistas e demonizar as figuras de seus líderes, era não deixar impunes os arianos/alemães, a raça que Hitler tinha tanto orgulho de anunciar como a escolhida pela Providência para subjugar todas as demais. Théo, com poucas palavras, foi categórico quanto ao fim que deveriam esperar os arianos.



Figura 5 Théo. *Careta*, 01/07/1944, nº 1870, ano XXXVII, p. 4

Três solenes senhores – líderes das três maiores potências envolvidas na guerra – observam transparecendo serenidade uma senhora gorda, portadora de grossas tranças, e que

¹²COUTO, Sérgio Pereira. *Dossiê Hitler*. São Paulo: Universo dos Livros, 2007. p.80.

vem a representar a Alemanha. Em outras charges, normalmente a figura da mulher seria substituída pela de Hitler, mas não aqui: a crítica de Théó não é contra Hitler, ou contra o partido, ou contra o regime nazista, ou ainda contra tudo o que quer que Hitler possa representar. Dessa vez, Théó se dirigia a algo maior, que encobria até mesmo Hitler – seu alvo era toda a Alemanha, e os filhos que ela gerou e que podia vir a gerar. Quando questionados pela mulher o que pretendiam dela fazer, a resposta de Stálin foi categórica: “Vamos esteriliza-la”. Impedir que a Alemanha gerasse novos filhos funcionaria como uma medida profilática: uma tentativa de impedir que calamidades como os nazistas voltassem a surgir na Europa. A ideia com essas charges era buscar a homogeneização¹³ das concepções dos brasileiros sobre os arianos, que aqui se confundem com os alemães, que, por sua vez, se confundem com Hitler e o partido. Todos eram apenas um, e deveriam ter suas bases de sustentação solapadas em sua totalidade.

O Reich em apuros

Alemanha, Itália e Japão, que juntos formavam o Eixo, foram severamente criticados pelas charges da *Careta*, que não hesitavam em se posicionar a favor dos Aliados nos diversos episódios que formaram a guerra. Mais do que se manifestarem a favor dos Aliados, os caricaturistas se posicionavam *contra* os países do Eixo. E a participação da primeira potência do Eixo na Segunda Guerra Mundial foi, naturalmente, rechaçada nas charges da *Careta*: em suas páginas, o Reich estava em apuros. Seu poder de guerra e seus fracassos foram duramente satirizados em terras brasileiras, bem como sua capacidade de vencer a guerra. As críticas surgiram, no entanto, em um momento posterior, devido à neutralidade da política externa brasileira e à ação censitária do governo Vargas. Mas, é válido lembrar, deveu-se também aos inegáveis sucessos alemães do início da guerra até meados de 1942, que foi quando começou, de fato, a surgirem as charges mais impactantes. De maneira geral, foi a ofensiva contra a Rússia e os episódios que a envolveram que deram o pontapé inicial para as críticas mais incisivas.

¹³ BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 28.

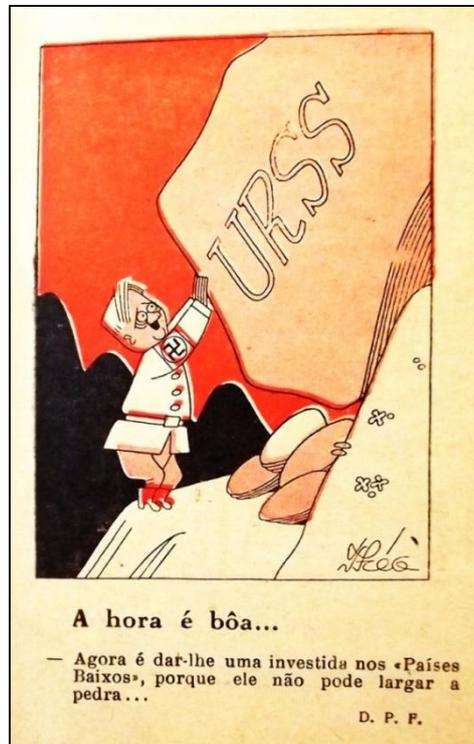


Figura 6 Théo. *Careta*, 09/05/1942, nº 1767, ano XXXIV, p. 12.

A charge de Théo ilustra bem a maneira como a guerra contra a União Soviética, que Hitler presumira erroneamente duraria apenas meses, era enxergada nas páginas da *Careta*. Nela, Hitler segura uma grande pedra – representando a URSS – no alto de uma montanha. Segundo um narrador desconhecido, que pode ser a voz de qualquer um envolvido na luta contra o nazi-fascismo, esta seria a hora de “dar-lhe uma investida nos ‘Países Baixos’”, o que, decodificando o aparato militar da frase, significa o mesmo que “dar-lhe um chute nas ‘partes’”. Dessa forma, Hitler teria se metido em uma grande enrascada ao declarar guerra à antiga “aliada” Rússia. A mesma ideia foi expressa por Théo no ano seguinte, mas com outra metáfora: valendo-se do recurso da zoomorfização, o chargista representou a União Soviética como um urso, que traz Hitler na coleira. A legenda é esclarecedora: “Foi buscar o urso... e voltou acorrentado...”, isto é, o caçador teria virado a caça, caindo em uma terrível armadilha.

Diversos foram as formas de críticas e sátiras envolvendo a triste escolha bélica de guerrear contra a Rússia. No final de 1942 o exército alemão sofreu uma importante derrota

em Stalingrado, a partir da qual a União Soviética passou à ofensiva da frente oriental. Foi essa a batalha principal de 1942-1943, portanto esteve presente nas páginas ilustradas da *Careta*. Stalingrado foi vista como um lugar de onde não se volta. Pelo menos essa foi a ideia que Osvaldo procurou retratar em mais de uma ocasião. Em novembro de 1942, desviou-se de seu monótono par de amigos para caricaturar Hitler e um soldado alemão. O Führer se encontra um mister de assustado com acanhado, quando se vê diante do soldado que diz acabar de regressar de Stalingrado – lugar “de onde não se volta”¹⁴. Na semana seguinte, Osvaldo voltou ao tema, dessa vez com suas habituais construções cotidianas. Um dos soldados conta ao outro que havia pedido licença ao comandante para se casar; a resposta havia sido positiva, porém após a conquista de Stalingrado. Seu amigo, em frase que evidenciou sua ‘brasilidade’, embora fosse alemão, deduz que o comandante é contra o casamento, sugerindo que não haveria conquista de Stalingrado. Dessa forma, a conquista de Stalingrado era uma missão impossível, o que muito agradou os caricaturistas e permitiu diversos tipos de abordagem.

Discurso presente nas páginas da *Careta* era o que taxava os países do Eixo de covardes. A sátira em relação à fuga foi uma grande estratégia adotada pelos caricaturistas, uma vez que enquanto a derrota, embora negativa, é nobre, a fuga é claro sinal de despreparo e covardia. A respeito da fuga, publicou Théo uma divertida charge em agosto de 1943 que define as novas orientações de guerra de Hitler: O Führer via a necessidade de virar os canhões dos tanques para trás, já que os alemães não estavam mais na ofensiva, mas recuando. A ideia do recuo novamente ocorreu a Théo na construção da charge da página 3 da edição de 2 de setembro de 1944. Nela, Hitler dialoga com Goebbels a respeito de estratégias de guerra. Não sabe se deve retirar tropas da Rússia para a França, ou da Itália para a Rússia. Goebbels sugere, ao contrário, que o Führer retire todas para a Alemanha, assumindo que já não pode mais vencer a guerra.

Já em 1940, brincando com a palavra *Blitzkrieg*, Théo promoveu uma aproximação do leitor com o termo, ao substituir “Krieg” por “fuga”, e assim passar a ideia de fuga relâmpago nos episódios que envolveram a tomada do norte da África pelos aliados.

¹⁴ Título da charge de Osvaldo de 21 de novembro de 1942.



Figura 7 Théo. *Careta*, 28/12/1940, n° 1696, ano XXXIII, p. 12.

Com o famigerado fim da guerra se aproximando, os caricaturistas começaram a discutir o destino e o futuro da Alemanha e de seus dirigentes. J. Carlos assinou uma grande capa a este respeito em setembro de 1944. Já estava claro que alguma espécie de divisão ocorreria com a Alemanha após a guerra, com os despojos sendo divididos entre os grandes vencedores: Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética. Na charge de J. Carlos, que assim como Théo também se valeu de um zoomorfismo, a Alemanha é uma grande porca rosa e gorda, porém inofensiva, e se encontra imóvel no chiqueiro. Ao redor dela, os três chefes de Estado estão armados com grandes facões, mas é Stálin quem fala. Segundo ele, os outros dois devem segui-lo em seu golpe, e a porca que estava diante deles, quando transformada em salsichas, seria muito mais fácil de ser dividida. J. Carlos buscou na tradição alemã em comer carne bovina a inspiração para a construção de sua charge, que representa em traços cômicos o futuro que teria a ex-potência que havia sido a Alemanha durante o Terceiro Reich.

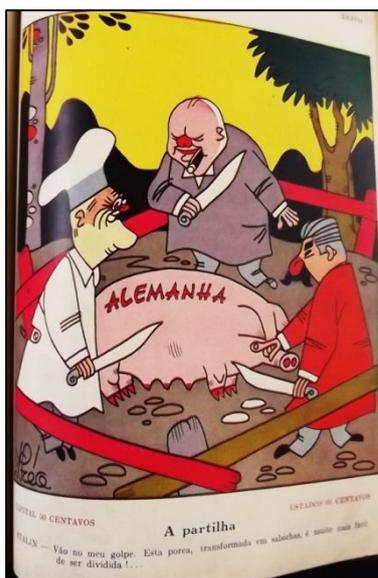


Figura 8 Théo. *Caretta*, 23/09/1944, nº 1891, ano XXXVII, capa.

A partilha

STALIN – Vão no meu golpe. Esta porca, transformada em salsichas, é muito mais fácil de ser dividida!”

A desqualificação da Alemanha enquanto exército, somada ao que já foi dito a este respeito sobre Japão e Itália, representa o empenho dos caricaturistas em amenizar a ameaça e o medo que a guerra e todos os seus terríveis ônus pudessem causar nos leitores. Transformando os exércitos inimigos em algo passível de riso, dissolve-se grande parte de seu caráter de ameaça, tornando-os, enfim, palpavelmente superáveis.

Das lutas e resistências que opuseram jornalistas e artistas – órgãos da imprensa – ao sopro controlador dos órgãos de censura do Estado Novo e aos diabólicos regimes totalitários, surgiram charges de inestimável valor historiográfico, político, social e cultural. Charges que simplificaram sem descomplexificar os acontecimentos que se desenrolavam no Velho Mundo, tornando a guerra inteligível e presente; que representaram claramente o

posicionamento dos caricaturistas e a causa libertária por eles defendidas; e que traduziam a intolerância às ditaduras e o forte desejo de paz de Théó, Osvaldo e J. Carlos, sentimentos que, supõe-se, era compartilhado por seus leitores.

Referências bibliográficas

BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAPELATO, M. H. Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional. In: *Revista Brasileira de História*– ANPHU. São Paulo: Contexto, vol. 16, nº 31 e 32, 1996.

COUTO, Sérgio Pereira. *Dossiê Hitler*. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.

DIHEL, Paula. *Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista*. São Paulo: Annablume, 1996.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.1.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.3.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V.4.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SHIRER, W. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.